

A Origem e a Fala da *Langue* em Heidegger

Bernhard Sylla (Universidade do Minho)

0. Parto, neste artigo¹, da pressuposição (1) que a ‘Historiedade’² do ser *e* do acontecimento apropriado (*Ereignis*) se deixam conceber, conforme o pensamento heideggeriano, como algo que possui uma estrutura ou articulação tripartida. (2) Podemos encontrar esta mesma articulação quando analisamos a função e o estatuto da língua ou da linguagem em Heidegger. No entanto, o esboço traçado de uma estrutura transponível em imagem, em algo imagético, vai claramente contra a interdição heideggeriana de usar imagens, metáforas, ilustrações representativas para tornar mais visível o pensamento do *Ereignis*. O pensamento do *Ereignis* deve e tem de ser desprovido de imagem (*bildlos*). Porém, como se poderá ‘dizer’ o *Ereignis* sem utilizar palavras que trazem consigo, necessariamente, a sua bagagem semântica, e com ela, a constante tentação de representar imageticamente o seu significado? (3) Para superar este dilema, Heidegger recorre a um falar descoberto da língua enquanto *langue*, que é, à primeira vista, um falar da gramática dela. Mas como a gramática, tal como a língua em si, encobre e descobre ao mesmo tempo, Heidegger utiliza estratégias muito particulares para que fale apenas a parte essencial da gramática. Analisando mais de perto uma destas estratégias, descobrimos que esta faz com que nasça aquela articulação tripartida de que falámos antes. Ela faz com que surja uma imagem não imagética. Ela fornece uma topologia encoberta à Historiedade³ do ser e do *Ereignis*. (4) Para demonstrar que este acesso ‘linguístico’ abre outras perspectivas sobre ‘pensemas’ da filosofia de Heidegger, apresentar-se-á no fim uma sugestão sobre o significado ‘encoberto’ do termo *Zeit-Spiel-Raum*.

1. A História do ser, segundo Heidegger, chegou a um ponto em que a indiferença total, a falta de penúria e o esquecimento do ser exigem uma decisão (não necessariamente no sentido existencial) (ÜA 67), apelam para que haja um novo início. Este novo início não pode constituir nenhuma continuação da História do ser até então

¹ Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projecto "Heidegger em Português: da *Lógica* de 1934 aos *Contributos para a Filosofia* (1936-1938)" (POCI/FIL/60600/2004), coordenado pela Professora Doutora Irene Borges Duarte (Universidade de Évora / Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa)

² Veja nota 8

³ Veja nota 8

acontecida, antes começa com o seu fim. Diz também assim Heidegger: “Se não se tratar, no acontecimento apropriado, de mais uma cunhagem do ser no decorrer da História do ser, se o ser, antes pelo contrário, pertencer ao acontecimento apropriado, retirando-se para dentro dele [...], então a História do ser, tal como ela é para o pensamento que se situa no interior do acontecimento apropriado, finda.” (ZSD 44)

Para se iniciar o outro e novo início é necessário que haja um afastamento radical do até então acontecido que conduz a uma fase que está ligada à morte, ao nada, ao abismo e ao silêncio, em que os momentos da reunião e da concentração radicais se tornam condição imprescindível para que aconteça o salto originário como origem do novo início.

Este salto para o novo início, enquanto salto originário e salto que entra, é pensado como hiato. Assinala portanto uma descontinuidade, o início e a nascença do inteiramente outro. Desta forma, é evocada a imagem de uma estrutura de três espaços, separados uns dos outros categoricamente, como se se tratasse de uma separação com cortinas de ferro. Contudo, há caminhos, trilhos, acessos ‘escondidos’, e por isso difíceis ou até impossíveis de encontrar, que interligam estas regiões. Tratar-se-á, portanto, da tarefa de fazer e abrir estes caminhos (*einen Weg zu bahnen* ou *zu bewegen*) (UzS 249ss.).

2. Não há dúvidas que, para Heidegger, existe uma relação essencial entre a estrutura tripartida *a era da metafísica – o seu fim e o salto para o novo início – o desabrochar do novo início*, por um lado, e a temática da linguagem por outro.

Nem a lógica apofântica, nem o uso corrente da linguagem, nem a posição tradicional da linguística, segundo a qual a forma fonética da palavra constitui a medida e o ponto de partida para chegar ao seu significado, são capazes de nos fornecer meios para dizer o *Ereignis*. Portanto, a linguagem, na sua dimensão descoberta e tradicional, é incapaz de chegar ao *Ereignis*. Necessitamos de um outro dizer, de um dizer transformado. Contudo, não há discurso, não há *parole* capaz de dizer o *Ereignis* enquanto o seu ponto de partida for a *langue* no seu uso corrente. Nesta procura de uma ‘nova’ linguagem, porém, nem se quer se trata, para Heidegger, de inventar uma nova linguagem, mas antes de desenvolver a habilidade de experienciar, de ouvir e de perceber o essencial e originário da linguagem a partir de um rigoroso silenciar. Esta linguagem originária é, portanto, algo encoberto na linguagem corrente que deve ser posto a descoberto, descoberta essa que deve e tem de partir da linguagem corrente.

Desta forma, a linguagem originária é capaz de criar um acesso aparentemente inacessível ao acontecimento apropriado. Isto torna-se evidente quando Heidegger concebe a linguagem como sendo não apenas “Wesung der Wahrheit des Da” (SuZ 117, nota c) e “Wesung der Wahrheit des Seyns” (WdS 5), mas também o próprio “Ereignis” (EH 38). Ela *er-ignet* (UzS 250) ou diz o *Er-ignis* (Bes 100). Esta distinção, porém, não se refere à linguagem em si, nem à linguagem corrente que nos é tão familiar, nem à normalidade e à normatividade da *langue*, pois esta encobre o acesso ao *Ereignis* e cala, num calar vulgar que não tem nada a dizer (VA 150). A linguagem própria e originária, e, portanto, também a origem dela, acontece precisamente no momento em que a sua proveniência, como proveniência originária, é ouvida na sua qualidade de essenciação que brota do acontecimento apropriado. Para que isto aconteça é necessário que haja o silêncio e o calar essencial (WdS 76, 84, 90, 208). Este calar cria a disposição do ouvir e prepara para o salto originário (*Ur-sprung*) que entra no acontecimento apropriado. O calar assim entendido não é nenhum modo privativo de falar, significando antes o nascimento de uma nova lógica, da “Sigetik” (BzP 78s.), da arte de calar. A primeira ressonância da essenciação da nova linguagem, vinda da reunião do calar, é chamada o *Geläut der Stille*. Este oxímoro nomeia a nascença, a origem, a descoberta da nova e própria essência da linguagem. Ela enuncia-se na fala do homem, na saga e no dito, no poetar e no pensar. Repetidamente, Heidegger enfatizou que o dizer do pensador, ao contrário do poeta, devia ser desprovido de imagens, *bildlos* (Bes 23, 51, 64; ED 33). Este aspecto leva-nos *in media res* da nossa análise. Entendemos sob a exigência da *Bildlosigkeit* a renúncia a uma qualquer ilustração do pensar, seja ela descrição ou representação imagética do significado lexicalmente fixado.

3. A linguagem torna-se desprovida de imagem, quando entra em jogo o significado gramatical em vez do significado lexical. Apesar das suas críticas tecidas à gramática tradicional (SuZ 52, 79; Bes 425; ZSD 18), Heidegger aprecia e toma seriamente em consideração o fenómeno da gramática em si: já em *Sein und Zeit* anuncia a necessidade de haver uma nova gramática (SuZ 52, 220), ou seja, aponta para a necessidade de haver uma meditação própria e diferente acerca de fenómenos gramaticais. A ‘instauração’ do novo genitivo da História do ser (*seynsgeschichtlicher Genitiv*) (Bes 41, 145, 210, 322), as suas anotações em relação ao prefixo *Ge-* (Sem 391s.), a indicação dada no texto sobre Anaximandro de que o enigma do ser se manifesta nas subtilidades gramaticais (Ho 344), são apenas uns poucos exemplos que

mostram a grande apreciação da gramática por Heidegger.⁴ Desta apreciação, supomos, provém a ‘ousadia’ de se aproveitar de fenómenos e estratégias gramaticais que a própria *langue*, a língua alemã, fornece. Analisaremos agora uma destas estratégias mais de perto.

Tanto nos *Beiträge zur Philosophie* como também na sua obra tardia, Heidegger empregou, quase excessivamente, a técnica da hifenização, ficando a substantivação de sintagmas da fase de *Sein und Zeit*, em comparação com esta técnica, em segundo plano. São, entre outros, os prefixos *er-*, *ent-*, *ver-*, *über-*, *unter-*, *be-*, *zu-*, *zer-*, *ab-*, *un-*, *aus-*, *vor-*, *vorbei-* que Heidegger salienta desta maneira. Alguns destes prefixos, utilizados como lexemas autónomos, têm na língua alemã um estatuto lexical próprio, enquanto outros não o possuem, embora não sejam desprovidos de significado, antes possuem um que é até bastante complexo. A técnica da separação da palavra por hífen não é, ou melhor, não quer ser uma mera técnica. Ela grafematiza um falar que demora na palavra, ela abre o espaço para que possa haver um escutar da linguagem, ela deixa vir à linguagem um patamar encoberto da linguagem. Esta técnica aproveita-se de uma técnica que a própria *langue* desenvolveu, a técnica gramatical de formação de palavras vigente na língua alemã – e é usada para dizer algo a que não corresponde (pelo menos à primeira vista) nenhuma imagem, nenhum significado directamente representável, portanto para dizer algo que é *bildlos*. Isto torna-se exequível pela simples técnica de separar o prefixo da palavra-base com o hífen. Desta forma, o significado (sintético) corrente perde o seu poder, a palavra é destruída (*zerbrochen*), ficando cada parte com um estatuto lexical autónomo que leva a uma remotivação tanto das duas partes como também da nova palavra composta. Daí que se poderá chamar à técnica heideggeriana desconstrução de palavras. Na análise seguinte, limitar-me-ei a analisar o uso dos três prefixos *ab-*, *ent-*, e *er-* em Heidegger e pretendo mostrar que estes prefixos, só por si (e, nalguns casos em interacção com a palavra-base), conferem um certo perfil tópico à História do ser e do *Ereignis*, que coincide com a estrutura tripartida apresentada antes.

O facto mais importante e menos óbvio é que Heidegger, com excepção do prefixo *er-*, emprega uma estratégia particular no seu uso dos prefixos: Ele procede a

⁴ Aliás, No mesmo texto em que lança o seu juízo categórico sobre as ciências em geral (“Die Wissenschaft denkt nicht” (WhD 4)), Heidegger acaba por conceder à linguística um papel potencialmente diferente, dignificando-a como uma ciência da qual o pensamento da História do ser pode receber ‘acenos’ úteis (WhD 91).

uma *escolha* entre os diversos significados que os prefixos podem assumir, a uma ‘selecta’ do potencial semântico, o que aliás é uma estratégia praticamente sem precedentes, se bem que subjacente nas criações de palavras de Meister Eckhart.

No que concerne o prefixo *ab-*, encontramos os seguintes significados principais⁵, que, aliás, variam bastante de gramática para gramática na linguística alemã: (i) o *von ... weg*, a separação radical (*abreisen*), (ii) a *mimesis*, o imitar, o copiar (*abmalen*), (iii) o findar decrescente e iterativo (*absitzen, ablaufen, abzahlen*), (iv) o decréscimo, o menosprezo (*abnehmen, abwerten, abschätzig*). Tendo em consideração as palavras ‘essenciais’ pertencentes à saga do ser ou do *Ereignis*, Heidegger escolhe apenas a primeira variante da *separação radical*, que encontramos em palavras como *Abschied, Abgrund, Abkehr, Abgeschiedenheit* etc. O *ab-*, só por si, sinaliza aquilo que mais acima foi descrito como afastamento radical do ‘passado’, do até então acontecido, e que é condição do novo início. A separação do até então acontecido é de tal maneira radical que abre, ou seja, faz entrar em vigor um vazio absoluto, uma falta radical do fundamento, uma destituição e desvalorização total das práticas comuns de diferenciação. O *ab-*, portanto, significa e sinaliza a preparação da origem do novo início.

Acerca dos significados do *ent-*, as indicações dadas pela linguística alemã variam bastante. Em geral, existem três vertentes de significados⁶: (i) *von...weg*, muitas vezes intensificando ou perfectivando o verbo-base que já por si exprime um afastamento (*entfallen, entgleiten, entfliehen*), (ii) a remoção, a eliminação ou a libertação daquilo que o substantivo ou o adjectivo-base exprimem (*entgiften, entschärfen, entschuldigen, enthärten*), (iii) a variante incoativa de um processo a iniciar-se (*entbennen, entzünden, entstehen*). Também no caso do *ent-*, Heidegger favorece uma única variante, a da *libertação ou da descolagem*, associando-a ao significado de *aus ... heraus*. O *ent-* desempenha assim uma função muito particular, porque descola ou liberta algo situado nas três regiões acima mencionadas, tornando-o hábil para ser acolhido numa nova região. Alguns exemplos: a *Ent-menschung* sinaliza a libertação, o desatar do ser humano do entendimento de si próprio determinado pela metafísica tradicional, deslocando-o para a região do silêncio, do nada, do abismo. *Ent-eignis* não significa nenhuma confiscação de propriedade, mas antes a libertação da

⁵ Baseio a minha análise dos significados dos prefixos no estudo de Mungan (1986) que apresenta os resultados dos mais importantes estudos neste âmbito. Aquando do prefixo *ab-* cfr. *idem*. 51-62.

⁶ *Idem* 168-177

Eignis, a possibilitação da proveniência da *Eignis* e a sua entrada na região do abismo e da origem, *Ent-sagung* não significa nem renúncia nem desistência, mas antes a libertação, a descoberta da saga que vem da região do *Ereignis* ao encontro dos poetas e pensadores que estão na região abismal, *Ent-rückung* a deslocação libertadora que prepara a entrada na região do *Ereignis*, e até a verdadeira *Ent-scheidung* não se refere a uma decisão baseada em duas ou mais alternativas, mas antes ao libertar-se da época metafísica da História do ser, ou seja, à entrada no *Schied* que se torna condição para que o acontecimento apropriado aconteça. *Ent-fernung* não significa que um afastamento se prolonga, mas antes a libertação e o soltar da *Ferne*, que desta forma está habilitada a aproximar-se de nós, a tornar-se perceptível na região do abismo. Duma maneira não-imagética, ou seja duma maneira criptotípica ou criptotópica, o *ent-*alberga uma topologia triádica das regiões do ser e do *Ereignis*, possibilitando ao mesmo tempo uma interligação, um trânsito transformacional entre as respectivas regiões. Para fazer acontecer o *ent-* é decisivo que o processo da libertação desemboque numa transformação radical. Esta transformação é indicada e nomeada pelo *er-*.

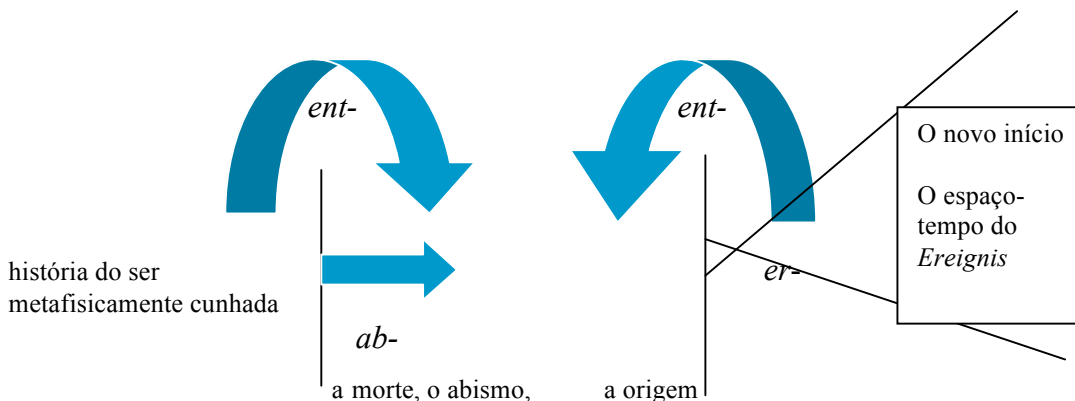
No alemão, o *er-* tem três significados-base⁷: (i) conseguir / alcançar algo por completo ou antecipar este alcance (*erhalten, ersteigen* etc.), (ii) deixar aparecer / desabrochar / brotar algo (*erwarten, erhoffen* etc.), (iii) o início originário de algo e o seu crescimento, num acontecimento ou processo de carácter transformador (*erschauern, erröten, erblühen* etc.). Para além disso é útil saber que o *er-* provém do alto-alemão *ar-*, *ir-* ou *ur-* (sabe-se que Heidegger nos remete à forma *ir-ougen* como *Urform* de *er-eignen*), estando portanto numa relação de proximidade com o prefixo *ur-* que exprime a origem, a originariedade. Vê-se nitidamente que o *er-* alemão reúne em si uma espécie de matriz essencial dos traços fundamentais do *Ereignis*: originariedade, transformação, carácter da *physis* originária, *Gelassenheit*, antecipação utópica da integração completa, do inteiro, da união, do uno. O *er-* não apenas ganha uma função inteiramente lexical, é antes elevado, embora encobertamente, ao estatuto de palavra-chave da filosofia heideggeriana após a *Kehre*. O *er-* assinala, indica e nomeia o próprio *Er-eignen*, cria a região do *Ereignis* e faz com que esta região se abra, originando um deslocamento para aí. Se não estou em erro, aparecem os seguintes verbos com o *er-* separado nos *Beiträge zur Philosophie*: *er-ahnen, er-bauen, er-breiten, er-denken, er-eignen, er-gründen, er-fahren, er-fügen, er-kennen, er-klüften, er-leben, er-leiden, er-*

⁷ *Idem* 178-188

lösen, er-mitteln, er-nötigen, er-öffnen, er-proben, er-reichen, er-sagen, er-scheinen, er-schrecken, er-schweigen, er-schwingen, er-sinnen, er-springen, er-staunen, er-stehen, er-streiten, er-warten, er-wesen, er-winken, er-zittern. Isso também se verifica, na maior parte dos casos, com os respectivos substantivos, por vezes em mais do que só uma variante (*Er-ignis, Er-ignung*). Em todos estes casos, o *er-*, frequentemente realçado por hifenização e por vezes ainda em itálico, assinala que o acontecimento exprimido pela palavra-base acontece de maneira até então desconhecida, desencadeando um início frágil e delicado. Para além disso, o *er-*, só por si, cria uma topologia, porque abre, enquanto início de um processo virgem, um novo espaço que é dotado com o seu próprio tempo e o seu próprio espaço de desenvolvimento. Ele significa a origem do nada e o desabrochar de uma nova dimensão, que não é localizável no sistema tradicional espaço-temporal e possui a sua própria lógica. A conexão à finalidade e à finitude, subjacente na vertente de significado *ganz und gar*, evoca o perfil esquemático de um espaço finito, que se cria a si próprio, *als der sich räumende, sich einräumende Raum*. A sua nascença e a sua dilatação constituem, ao mesmo tempo, uma temporalização (*Zeitigung*). Esta temporalização não pode ser medida pelo tempo quantificado. Nem o tempo nem o espaço do *Ereignisraum* se deixam medir, porque diferem inteira e absolutamente das noções de espaço e tempo que nos dominam. A ideia da transformação, do absolutamente novo, é nutrida e apoiada pelos significados dos outros prefixos, que formam juntamente com o *er-* um campo lexical, fornecendo a ideia das barreiras de separação essenciais como esquema básico para a topologia da região do *Ereignis* enquanto dimensão totalmente alheia. Uma outra indicação da ‘imagem’ do vir à luz a partir do nada é dada pela forma etimológica da palavra *ereignen*: *er-äugen* ou *ir-ougen* quer dizer percepcionar um lugar isolado num fundo vasto, dando assim à origem a característica do isolado, do inteiramente novo, desprovido de ligações ou de relações com um contexto, com a tradição. Para além disso, se tivermos em conta o fenómeno gramatical da interacção semântica entre o prefixo e a palavra-base, há casos como o *erzittern* e *erschwingen* em que o verbo-base intensifica a imaginação de uma *gegenschwingende Räumung*, de um espaço que se vai diluindo oscilantemente.

Podemos concluir desta análise que a estratégia da separação dos prefixos com hífen e a respectiva restrição dos seus significados assumem a função de criar uma

topologia para a Historiedade⁸ do ser e do acontecimento apropriado que, esquematicamente, pode ser ‘ilustrado’ de seguinte forma:



4. A topologia da história do ser, da origem e da região do *Ereignis* indicada pelos prefixos analisados encontra uma afirmação no conceito heideggeriano do *Zeit-Spiel-Raum*. Uma vez que devemos pressupor que a sequência desta palavra composta não é arbitrária para Heidegger, podemos tentar averiguar qual a motivação da mesma. Em primeiro lugar, verificamos a composição binária determinante *Spiel-Raum* (que não o seria se a palavra composta fosse *Zeit-Raum-Spiel* ou *Spiel-Zeit-Raum* etc.). Podemos presumir que, nesta mesma composição, a palavra *Spiel*, dentro do leque bastante largo de possíveis significações, assume o significado *gênese e disponibilização de um espaço de movimento, uma fissura ou margem de manobras que permite um movimento de vai e vem ou de oscilação*, construindo desta forma mais uma vez uma selecção. Este significado corresponderia então à topologia do *Ereignisraum* que se encobre na topologia do *er-*, na medida em que o *Spiel*, o jogo do *erzittern*, do *erschwingen* e do *gegenschwingen* acaba por ser a *Er-räumung* e a *Er-zeitigung* da região do *Ereignis*. O *Spiel*, desta forma, está no centro, porque abre o abismo e a fissura de onde nasce a *Er-räumung* e a *Er-zeitigung*.

Para além disso, surge uma outra possibilidade de interpretação que, no entanto, provém mais da nossa conjectura do que dos indícios fornecidos por Heidegger. Seria igualmente possível ver na palavra composta um espelho da estrutura tripartida que os prefixos, encobertamente, nos fornecem. A trinominalidade – quase que uma ‘trindade’ mística - da palavra composta seria lida como a transição que parte da História

⁸ Uma vez que a História do ser não se prolonga no acontecimento apropriado, e visto que o acontecimento apropriado é revestido de traços de um ‘desenvolvimento’, possuindo portanto algo como a sua própria ‘História’, falo da *Historiedade* do ser e do acontecimento apropriado

consumida da metafísica que enquanto História se prende à *Zeit*, ao *tempo*, transitando para a região do abismo, que é a região da quebra, da fissura, da nascente, da *Erklüftung* de um *Spielraum*, da origem que parte do *Spiel*, e caminhando por fim para a nascente, para a criação e para a gênese do *Ereignisraum*. São precisamente estas também as fases que a própria filosofia de Heidegger trespassa, inclinando-se cada vez mais claramente à consideração do espaço e investindo cada vez menos atenção no fenómeno do tempo.

5. Tendo, por fim, novamente em conta a exigência de Heidegger de que o pensamento essencial tem de e deve prescindir de todo e qualquer apoio imagético, como é que poderemos entender esta interdição? Na verdade, tal exigência de Heidegger não rejeita categoricamente a imagetividade (*Bildhaftigkeit*), antes requer apenas que o pensamento prescinda desta enquanto imagetividade descoberta. Senão não faria sentido quando Heidegger afirma que o *pensar* é um “Sagen im schlichten Bild und reiner Verschweigung”⁹ (BzP 70), precisamente quando procede à diferenciação do *poetar imagético* e do *pensar não imagético*. Apenas a imagem encoberta, não dita e oculta, que surge do oculto, pode tornar-se *schlichtes Bild*. Isto acontece, segundo cremos, quando a gramática da *langue* fala, ou melhor, quando fala a parte própria e seleccionada da gramática da *langue*. Esta, na camada aberta, na superfície, nunca fala em imagens, antes tece as redes e teias, as estruturas da *langue*. Contudo, as estruturas gramaticais remetem para um patamar mais fundo e profundo, de onde nasce uma imagetividade encoberta, como *Ur-sprüngliches* que talvez se aproxime daquilo que Heidegger entende sob a expressão *schlichtes Bild*.

6. Bibliografia

6.1. Obras citadas de Martin Heidegger da *Gesamtausgabe*

GA 2: *Sein und Zeit*. Hrsg. v. Friedrich-Wilhelm von Herrmann. Frankfurt/M.: Klostermann, 1977 (SuZ)

GA 4: *Erläuterungen zu Hölderlins Dichtung*. Hrsg. v. Friedrich-Wilhelm von Herrmann. Frankfurt/M.: Klostermann, 1981 (ED)

GA 5: *Holzwege*. Hrsg. v. Friedrich-Wilhelm von Herrmann. Frankfurt/M.: Klostermann, 1977 (Ho)

GA 7: *Vorträge und Aufsätze*. Hrsg. v. Friedrich-Wilhelm von Herrmann. Frankfurt/M.: Klostermann, 2000 (VA)

⁹ O pensar é um dizer que se torna, ao mesmo tempo, imagem elementar e silêncio puro.

GA 12: *Unterwegs zur Sprache*. Hrsg. v. Friedrich-Wilhelm von Herrmann. Frankfurt/M.: Klostermann, 1985 (UzS)

GA 15: *Seminare*. Hrsg. v. Curd Ochwadt. Frankfurt/M.: Klostermann, 1986 (Sem)

GA 65: *Beiträge zur Philosophie. (Vom Ereignis)*. Hrsg. v. Friedrich-Wilhelm von Herrmann. 2. durchges. Aufl., Frankfurt/M.: Klostermann, 1994 (BzP)

GA 66: *Besinnung*. Hrsg. v. Friedrich-Wilhelm von Herrmann. Frankfurt/M.: Klostermann, 1997 (Bes)

GA 70: *Über den Anfang*. Hrsg. v. Paola-Ludovika Coriando. Frankfurt/M.: Klostermann, 2005 (ÜA)

GA 85: *Vom Wesen der Sprache. Zu Herders Abhandlung "Über den Ursprung der Sprache"*, Hrsg. v. Ingrid Schüßler. Frankfurt/M. 1999 (WdS)

6.2. Outras obras citadas de Martin Heidegger

Heidegger, Martin (1954), *Was heißt Denken?*, Tübingen: Niemeyer (WhD)

Heidegger, Martin (1969), *Zur Sache des Denkens*, Tübingen: Niemeyer (ZSD)

6.3. Outras obras citadas

Mungan, Güler (1986), *Die semantische Interaktion zwischen dem präfigierenden Verbzusatz und dem Simplex bei deutschen Partikel- und Präfixverben*, Frankfurt/M. / Bern / New York: Lang